

JÁ É SÁBADO, MAS
AINDA NÃO
TERMINAMOS O

MUNDO

ARTISTAS

CAMILA VILALVA
INÊS REBECCA
JÚLIA GONÇALVES
KIM BADAWI
MARCELLA MORAES
MARILANE ABREU
RAYSSA VERÍSSIMO
SYLVIA SANCHEZ
TALITA LELIS
VICENTE BALTAR
WILLIAM ARAUJO

CURADORIA
ANA ELISA LIDIZIA
MANDÚ



CASA DA
ESCADA
COLORIDA



JÁ É SÁBADO, MAS AINDA NÃO TERMINAMOS O MUNDO

Antes mesmo da montagem desta exposição percebemos que muitas das obras pareciam criar uma língua própria quando colocadas para conviver no mesmo espaço. O idioma do ferro, dos ditos populares, dos acúmulos de matéria ainda viva em seus diferentes estados de afetabilidade e de contágio. A manipulação da linguagem que se dá ao dobrar o ferro como quem dobra um provérbio, torcer um sentido como se torce um fio. “Quem com ferro fere com ferro será ferido” ecoa aqui não como sentença moral, mas como gesto plástico de vingança especulativa.

Os trabalhos de **William Araújo**, além de sustentarem uma arquitetura imaginada, parecem aproximar a fé à feitura de um empreendimento para além do possível. **Rayssa Veríssimo** afoga um projeto colonial nas águas da Baía de Guanabara, fazendo do norte global um dejetado e do sul a parte evidente de um iceberg, também em estado de falência. Como terceiro elemento dessa estrutura proliferam-se os fungos, a vida que prospera em área destruída. **Marcella Moraes** e **Inês Rebecca** avizinham elementos aparentemente contraditórios como a flor e o concreto, a tinta natural que pinta a tela de algodão com o plástico que a envolve, provocando um desmonte do antagonismo entre natural e artificial. Plantas vistas como daninhas podem regenerar territórios degradados e um material sintético pode produzir complexidade para a pintura.

Vicente Baltar, que abandona a função de suporte para transformar o ferro em sinuosos voos, coloca em negociação materiais que em sua fisicalidade se distanciam mas que compartilham processos em semelhança: ferro, aço, cerâmica e vidro. Como **Marilane Abreu** ao convocar à cena as vestimentas e as relações amorosas e violentas que podem ocupar o mesmo espaço, ora casa, ora corpo, elemento constante nos ensaios imagéticos uterinos de **Camila Vilalva**.

Contaminando toda a extensão do espaço expositivo estão os corvos de **Sylvia Sanchez**, o binômio “pensamento” e “memória” em código binário (zero e um), sistema fundamental para toda informação digital. Uma língua estranha e assombrosa que, curiosamente, fala de todos nós independentemente de nossa compreensão. Essa arquitetura da tecnologia aparece também iluminada nos trabalhos de **Kim Badawi**, que faz uso da inteligência artificial para escancarar os deslimites do mundo contemporâneo. Já nas pinturas de **Júlia Gonçalves**, somos fisgados por objetos desejo que, sedutores, convidam os olhos a tomar posse de sonhos neon. Finalmente, na feitura minuciosa de **Talita Lelis**, o gesto manual concentra a atenção no efêmero e único em cada elemento, movimento que a lógica serial devora, erguendo assim seu contraponto.

Nesses exercícios linguísticos e simbólicos, entre o cotidiano (o tempo ordinário) e o apocalipse (a grande explosão final), um lembrete cansado e amoroso de que, embora tudo pareça se esgotar, ainda há todo o ensejo por terminar o mundo que desejamos. A tarefa, sempre inacabada, da elaboração de uma comunidade que não esteja paralisada pela distopia anestésica do “fim do mundo”, que nada mais é que a ruína do futuro liberal. Já é sábado e, com certa dose de humor ácido, gostaríamos de lembrar que quando uma narrativa finda outra logo começa. Não se desespere, tudo já foi dito, mas há muito por fazer.





Vicente Baltar | @vicentebaltar
Sintomas Alados - voo 9, 2025
Cerâmica com pata de ferro
120 x 110 x 80 cm



Vicente Baltar | @vicentebaltar
Sintomas Alados - voo 9, 2025
Cerâmica com pata de ferro
120 x 110 x 80 cm



Rayssa Veríssimo | @rayssa_verissimo_
Nafragar tuas linhas, 2025
Água da Baía de Guanabara, livro, vidro e ferro
171,3 x 58,5 x 25,5 cm



Small text label on the wall.







William Araujo | @arauj.owill
Para reverberar em cada templo, sem data (vista aproximada)
Escora metálica
Instalação site-specific

Inês Rebeca | @ines_rebecca
Noite de procura, 2025
Pigmento natural e óleo sobre algodão, ramos e cordel de sisal
90 x 100 cm



Inês Rebeca | @ines_rebecca
Criação de um outro pequeno mundo, 2025
Ramos, cordel de sisal, ferro e fruto de abricó-de-macaco
100 x 50 cm



Inês Rebeca | @ines_rebecca
Noite de procura, 2025
Pigmento natural e óleo sobre algodão, ramos e cordel de sisal
90 x 100 cm



Marcella Moraes | @moraesmarcella
Canteiro de Restauo, 2024-2025
Aquarela sobre papel algodão
51 x 35 cm



Marcella Moraes | @moraesmarcella
Canteiro de Restauro: aguapés, 2024
Aquarela sobre papel algodão
51 x 35 cm

Marcella Moraes | @moraesmarcella
Canteiro de Restauro: guarapuvu, 2025
Aquarela sobre papel algodão
51 x 35 cm



Marcella Moraes | @moraesmarcella
Canteiro de Restauro: embaúba, 2024
Aquarela sobre papel algodão
51 x 35 cm

Marcella Moraes | @moraesmarcella
Canteiro de Restauro: tillandsia 2024
Aquarela sobre papel algodão
51 x 35 cm



Marcella Moraes | @moraesmarcella
Canteiro de Restauo: vassourinha-de-botão, 2025
Aquarela sobre papel algodão
51 x 35 cm

Marcella Moraes | @moraesmarcella
Canteiro de Restauo: erva de santa luzia, 2025
Aquarela sobre papel algodão
51 x 35 cm



Marcella Moraes | @moraesmarcella
Canteiro de Restauro: caruru, 2025
Aquarela sobre papel algodão
51 x 35 cm

Marcella Moraes | @moraesmarcella
Canteiro de Restauro: clusia, 2025
Aquarela sobre papel algodão
51 x 35 cm





Talita Lelis, tlt | @tlt_bytalita
12 vezes uma galinha, 2025
Acrílica sobre cerâmica fria, plástico filme e bandeja de melamina.
9 x 6,5 x 2,5 cm



Talita Lelis, tlt | @tlt_bytalita
12 vezes uma galinha, 2025
(vista aproximada)

Acrílica sobre cerâmica fria, plástico filme e bandeja de melamina.
9 x 6,5 x 2,5 cm



Marilane Abreu | @marilane_abreu

A casa que resta, 2025

Tecido de algodão, linha, cúrcuma e fibra de poliéster siliconada

92 x 66 cm



Inês Rebeca | @ines_rebecca

Vestígios de vivências passadas, 2025

Óleo e pigmentos naturais sobre plástico e papel de arroz

49 x 30 cm





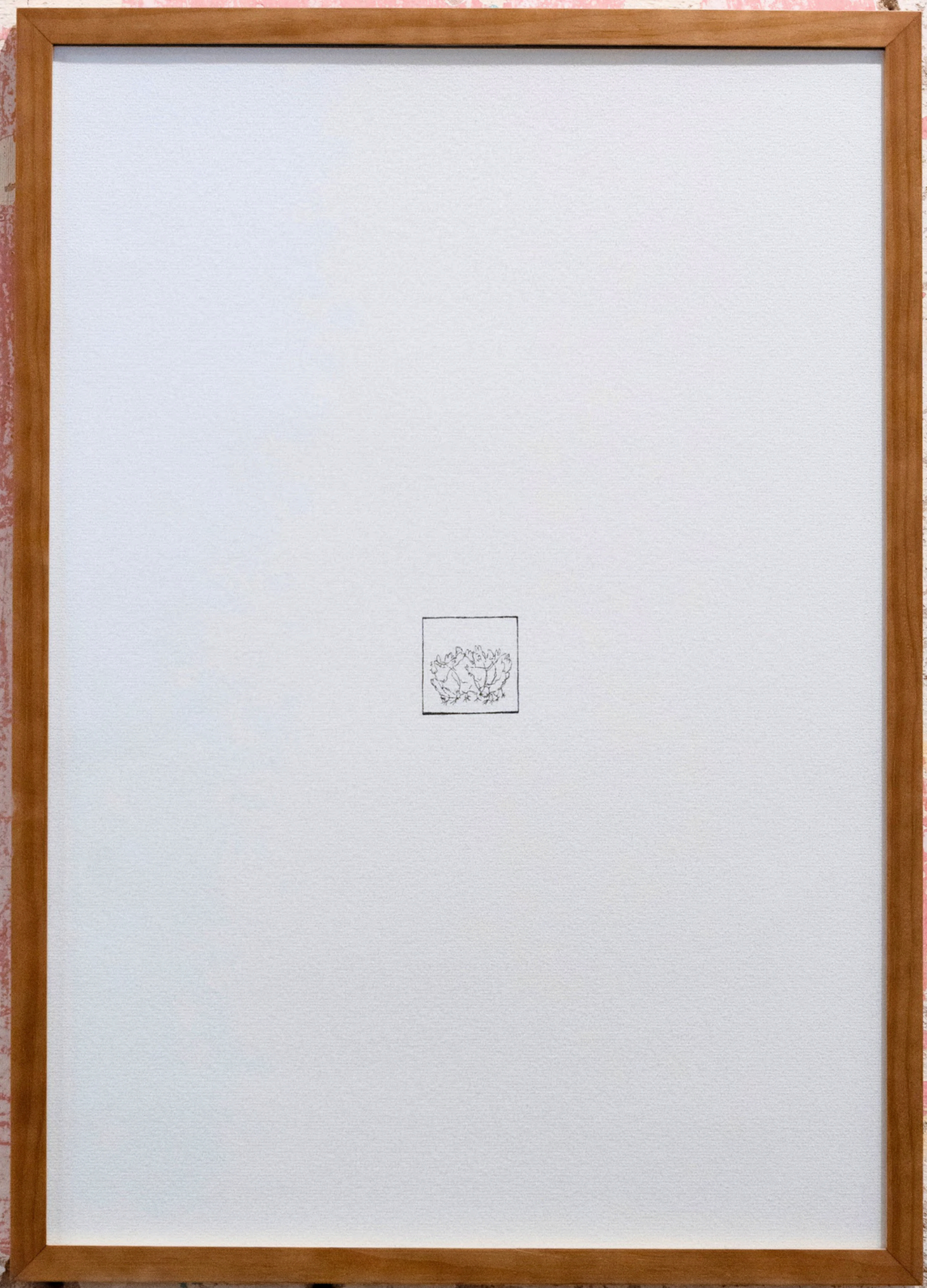
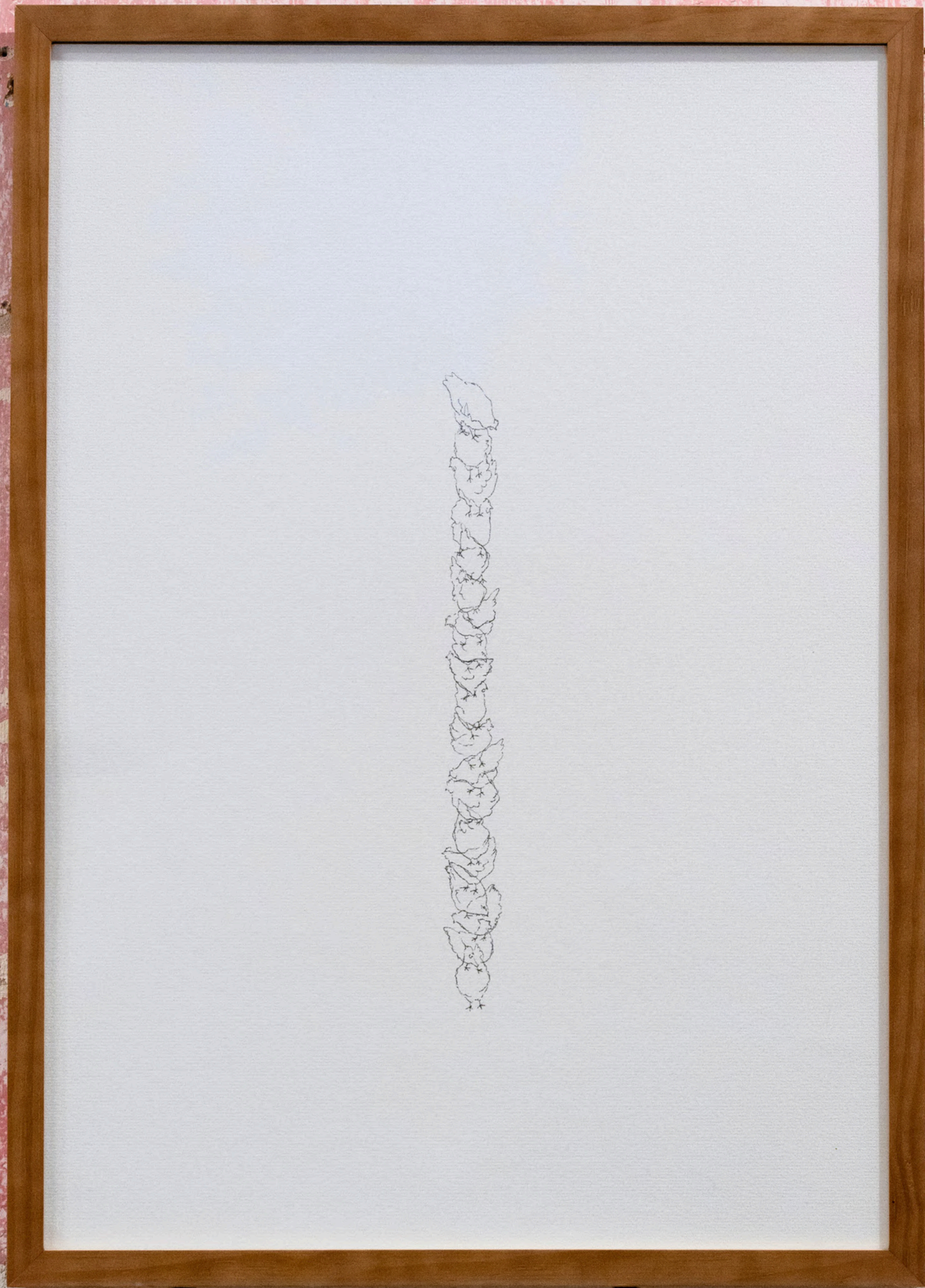
Sylvia Sanchez | @_sylviasanchez_
Corvos de Odin II, 2025
Acrílico
01/01 + PA
15 x 1750 cm

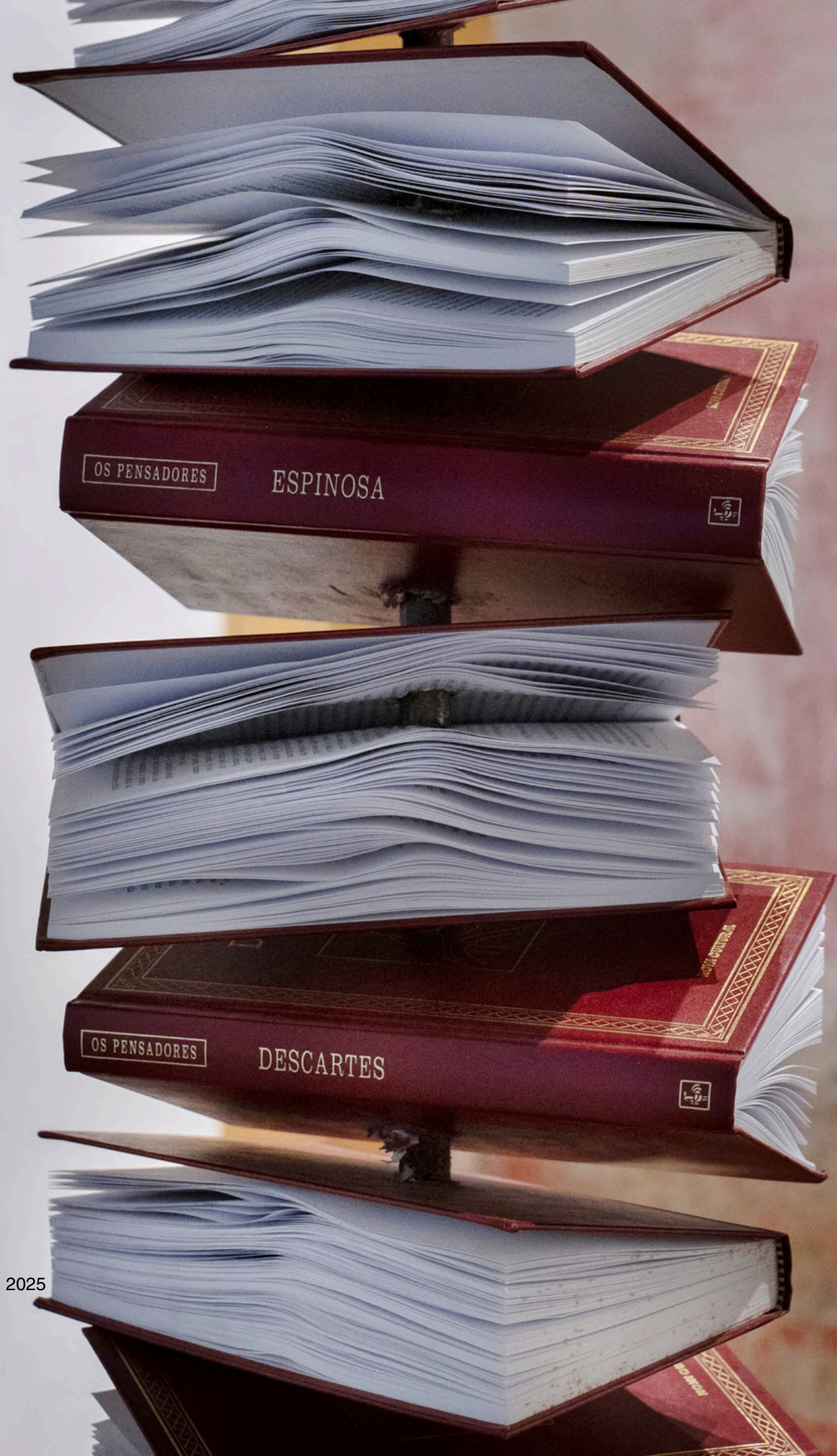


Talita Lelis, tlt | @tlt_bytalita
Compulsão por obediência, 2025
Nanquim sobre papel celulose 300g/m2
42 x 59,4 cm

Talita Lelis, tlt | @tlt_bytalita
Economia de espaço, 2025
Nanquim sobre papel celulose 300g/m2
42 x 59,4 cm







Rayssa Veríssimo | @rayssa_verissimo_
Quem com ferro fere, com ferro será ferido, 2025
Lança de ferro e coleção Os Pensadores
300 x 28,5 x 24,2 cm







Marilane Abreu | @marilane_abreu

Regras de etiqueta, 2025

Tecido de algodão, fibra de poliéster siliconada, etiquetas e linha
490 x 250 cm



Kim Badawi | @imbadawiai

Click Farm # 3, 2025

Transparência fotográfica, estrutura de madeira, painéis de acrílico e LEDs

Edição/ tiragem 1/1

82,6 cm x 52,6 cm x 9 cm



Kim Badawi | @imbadawiai

Click Farm # 12, 2025

Transparência fotográfica, estrutura de madeira, painéis de acrílico e LEDs

Edição/ tiragem 1/1

82,6 cm x 52,6 cm x 9 cm



Júlia Gonçalves | @julia.goncalves.m
Para as crianças malcriadas, 2025
Óleo sobre tela
130 x 100 cm

Júlia Gonçalves | @julia.goncalves.m
Série **"Cacarecos"**, 2025
Óleo sobre madeira
12 x 18 cm (cada)



Júlia Gonçalves | @julia.goncalves.m
Para as crianças malcriadas, 2025
Óleo sobre tela
130 x 100 cm



Júlia Gonçalves | @julia.goncalves.m
Série "Cacarecos", 2025
Óleo sobre madeira
12 x 18 cm (cada)



Júlia Gonçalves | @julia.goncalves.m
Série "Cacarecos", 2025
Óleo sobre madeira
12 x 18 cm (cada)



Júlia Gonçalves | @julia.goncalves.m
Série "Cacarecos", 2025
Óleo sobre madeira
12 x 18 cm (cada)



Júlia Gonçalves | @julia.goncalves.m
Série "Cacarecos", 2025
Óleo sobre madeira
12 x 18 cm (cada)



Júlia Gonçalves | @julia.goncalves.m
Série "Cacarecos", 2025
Óleo sobre madeira
12 x 18 cm (cada)



Júlia Gonçalves | @julia.goncalves.m
Série "Cacarecos", 2025
Óleo sobre madeira
12 x 18 cm (cada)



Júlia Gonçalves | @julia.goncalves.m
Série "Cacarecos", 2025
Óleo sobre madeira
12 x 18 cm (cada)



Júlia Gonçalves | @julia.goncalves.m
Série "Cacarecos", 2025
Óleo sobre madeira
12 x 18 cm (cada)



Júlia Gonçalves | @julia.goncalves.m
Série "Cacarecos", 2025
Óleo sobre madeira
12 x 18 cm (cada)



Júlia Gonçalves | @julia.goncalves.m
Série "Cacarecos", 2025
Óleo sobre madeira
12 x 18 cm (cada)



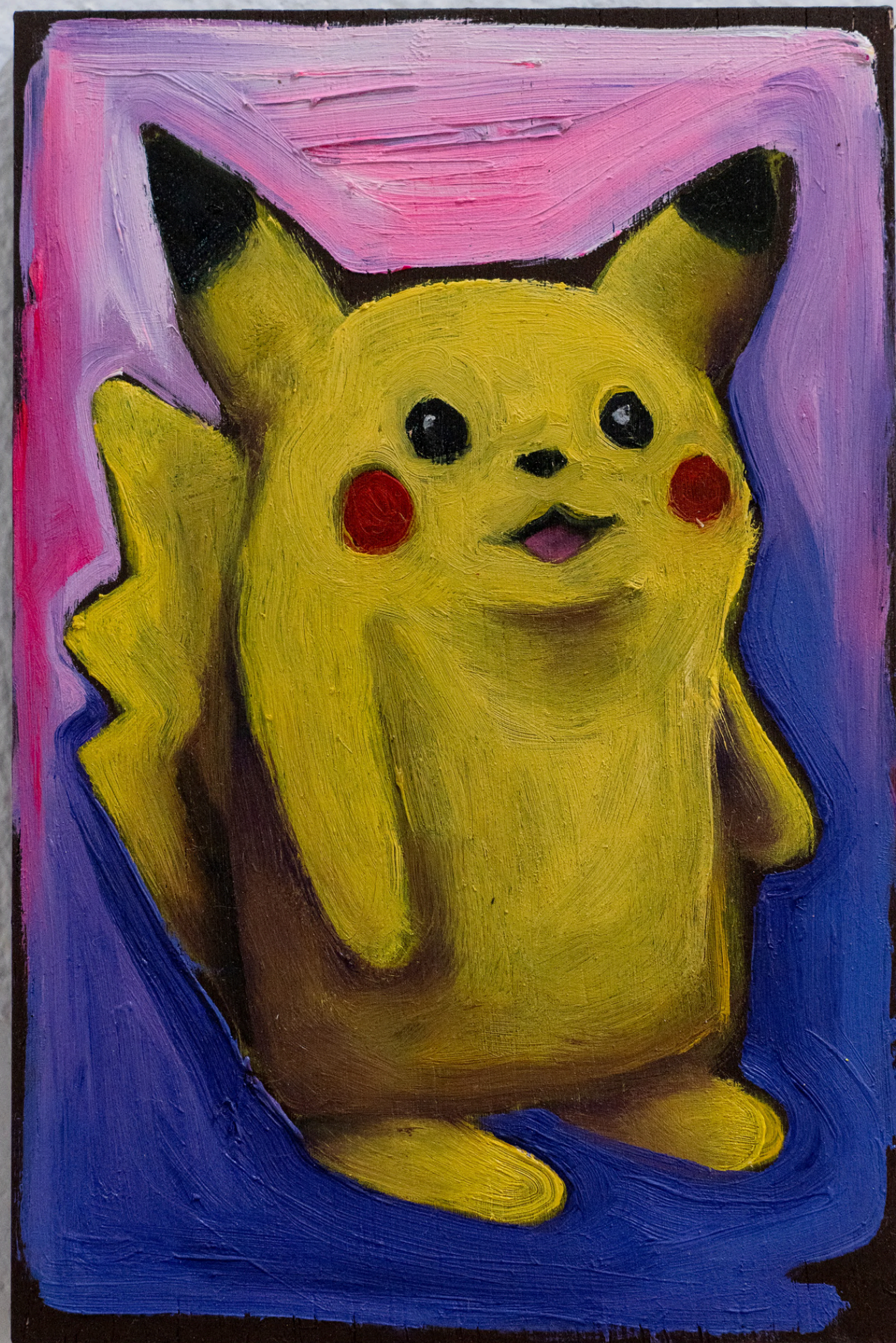
Júlia Gonçalves | @julia.goncalves.m
Série "Cacarecos", 2025
Óleo sobre madeira
12 x 18 cm (cada)



Júlia Gonçalves | @julia.goncalves.m
Série "Cacarecos", 2025
Óleo sobre madeira
12 x 18 cm (cada)



Júlia Gonçalves | @julia.goncalves.m
Série "Cacarecos", 2025
Óleo sobre madeira
12 x 18 cm (cada)



Júlia Gonçalves | @julia.goncalves.m
Série "Cacarecos", 2025
Óleo sobre madeira
12 x 18 cm (cada)



01101001 01100001



Marcella Moraes | @moraesmarcella
Tempestade perfeita: infestação escorpiana, 2025
Aquarela sobre papel algodão
10 x 06 cm



000011 10110011

01110010

01101001

01100000

01100000





Vicente Baltar | @vicentebaltar
da Série **Casulo Aurora**, 2024
n1 e n27
nanquim sobre papel
30 x 21 cm



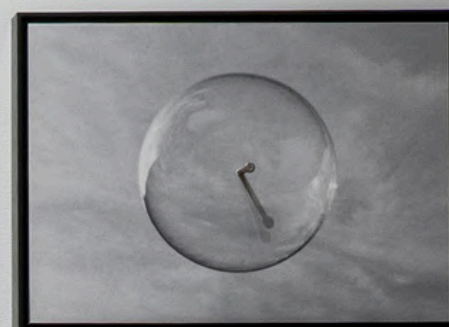
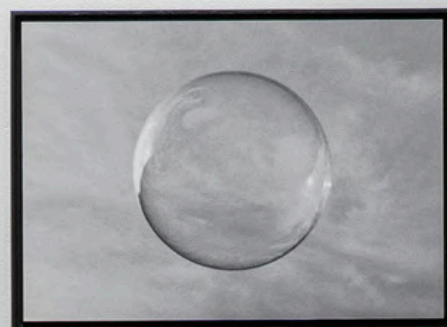
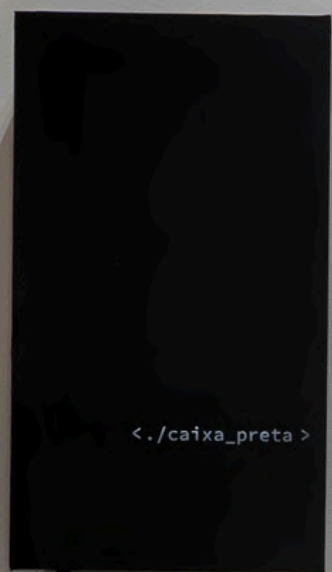
Vicente Baltar | @vicentebaltar
Notívagas, 2025
Cerâmicas com esferas de aço
30 x 10 x 14 cm

Vicente Baltar | @vicentebaltar
Notívagas, 2025
Cerâmicas com esferas de aço
30 x 10 x 14 cm





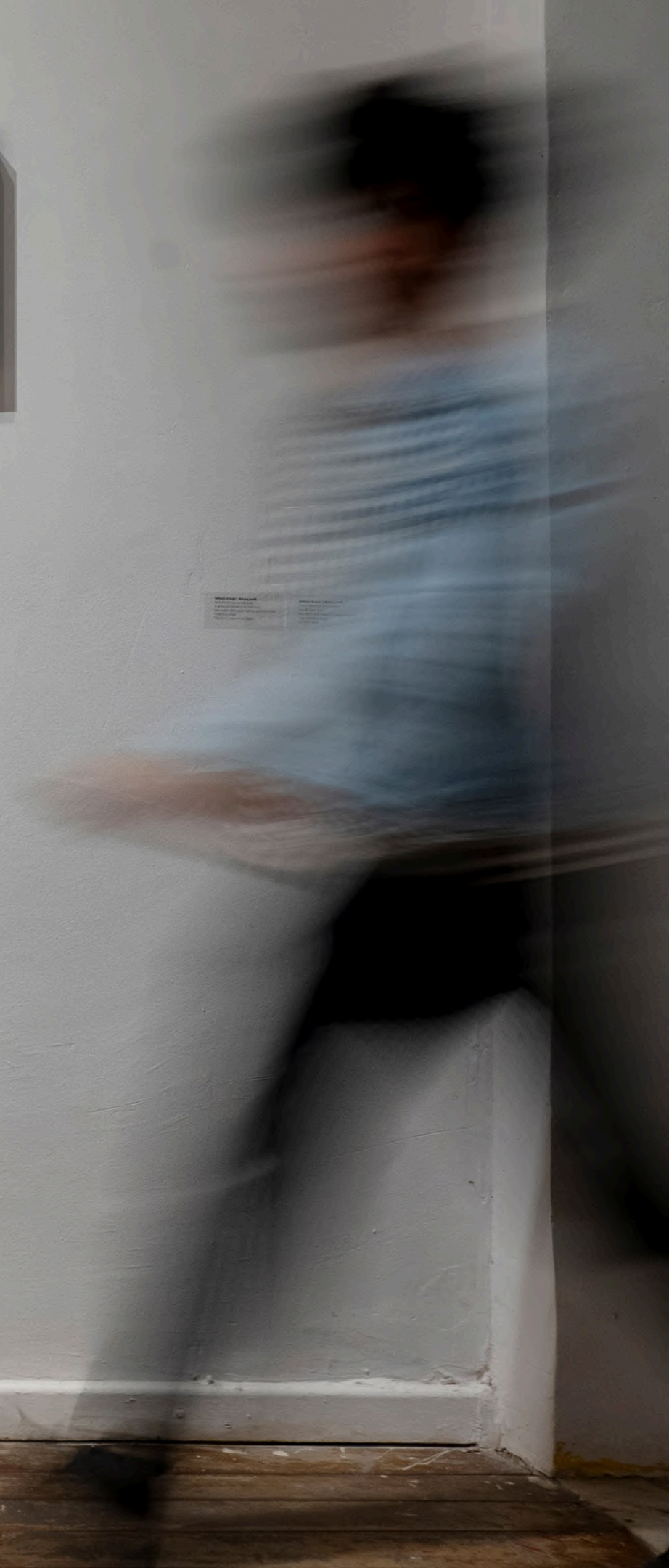
Camila Vilalva | @camimvi
Sem título (corte da artista)
16mm e digital
3'10"

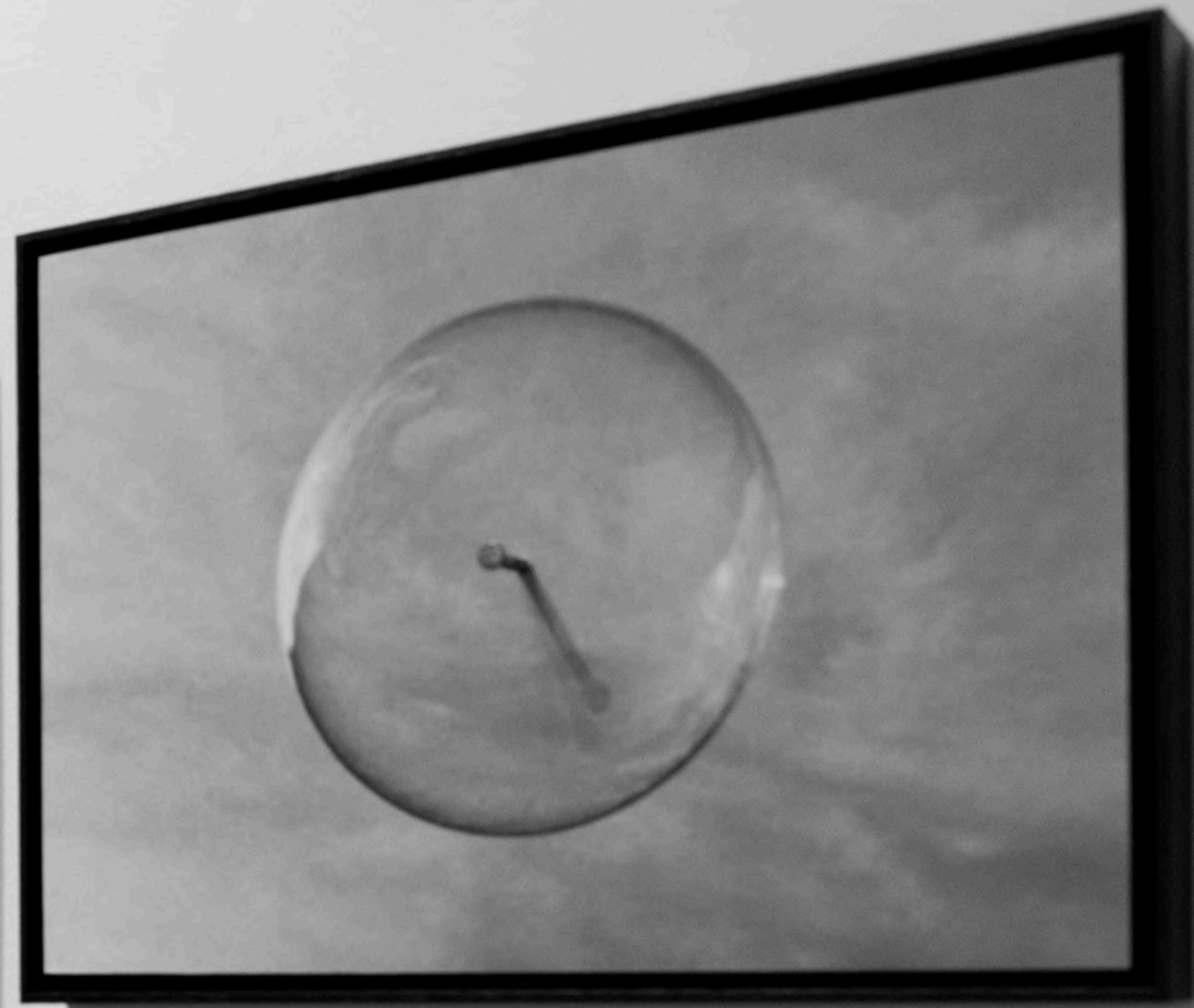
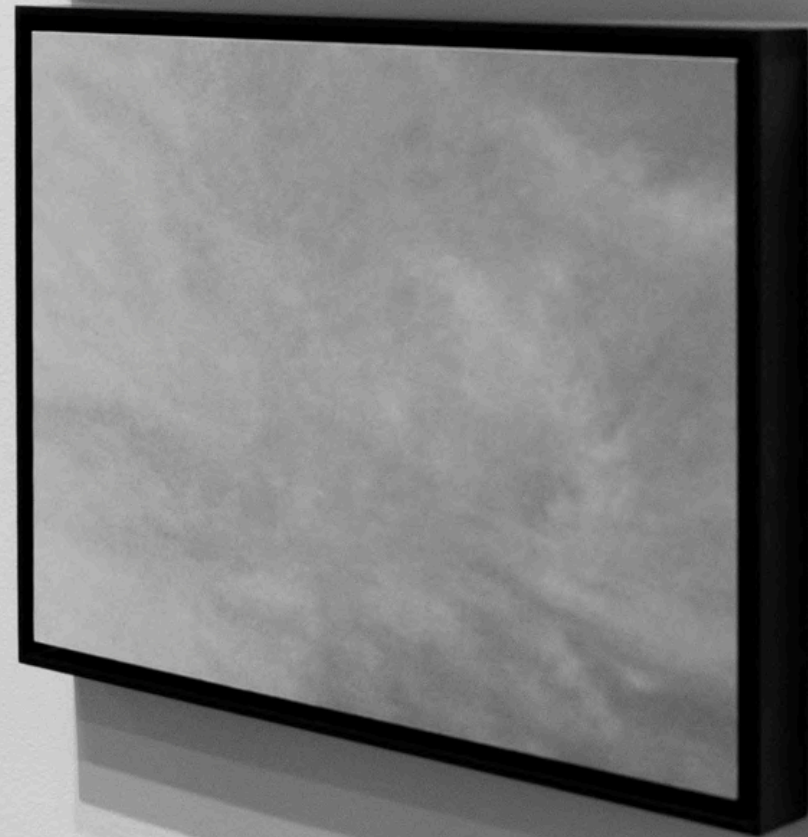
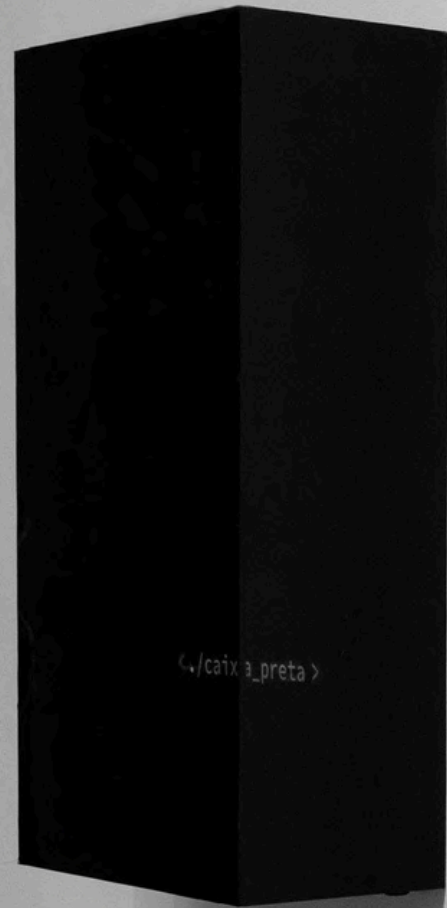


Sylvia Sanchez | @_sylviasanchez_
Dados ao Sistema III (Opacidade), 2025
Acrílico, insulfilm, led, arduíno, bateria de lítio 12V
01/01 + PA
53 x 30 x 13,5 cm

William Araujo | @arauj.owill
Série **Próximos e semelhantes**
A tal da pós existência #1, sem data
Impressão sobre papel Hahnemuhle Photo Rag, moldura e prego
Díptico, 32 x 44 x 04 cm (cada)

William Araujo | @arauj.owill
Série **Próximos e semelhantes**
Fixo #1, sem data
Impressão sobre papel Hahnemuhle Photo Rag, moldura e prego
32 x 44 x 06cm







<./caixa_preta >

JÁ É SÁBADO, MAS AINDA NÃO TERMINAMOS O MUNDO

Antes mesmo da montagem desta exposição percebemos que muitas das obras pareciam criar uma língua própria quando colocadas para conviver no mesmo espaço. O idioma do ferro, dos ditos populares, dos acúmulos de matéria ainda viva em seus diferentes estados de afetabilidade e de contágio. A manipulação da linguagem que se dá ao dobrar o ferro como quem dobra um provérbio, torcer um sentido como se torce um fio. “Quem com ferro fere com ferro será ferido” ecoa aqui não como sentença moral, mas como gesto plástico de vingança especulativa.

Os trabalhos de **William Araújo**, além de sustentarem uma arquitetura imaginada, parecem aproximar a fé à feitura de um empreendimento para além do possível. **Rayssa Veríssimo** afoga um projeto colonial nas águas da Baía de Guanabara, fazendo do norte global um dejetivo e do sul a parte evidente de um iceberg, também em estado de falência. Como terceiro elemento dessa estrutura proliferam-se os fungos, a vida que prospera em área destruída. **Marcella Moraes** e **Inês Rebecca** avizinham elementos aparentemente contraditórios como a flor e o concreto, a tintura natural que pinta a tela de algodão com o plástico que a envolve, provocando um desmonte do antagonismo entre natural e artificial. Plantas vistas como daninhas podem regenerar territórios degradados e um material sintético pode produzir complexidade para a pintura.

Vicente Baltar, que abandona a função de suporte para transformar o ferro em sinuosos voos, coloca em negociação materiais que em sua fisicalidade se distanciam, mas que compartilham processos em semelhança: ferro, aço, cerâmica e vidro. Como **Marilane Abreu** ao convocar à cena as vestimentas e as relações amorosas e violentas que podem ocupar o mesmo espaço, ora casa, ora corpo, elemento constante nos ensaios imagéticos uterinos de **Camila Vilalva**.

Contaminando toda a extensão do espaço expositivo estão os corvos de **Sylvia Sanchez**, o binômio “pensamento” e “memória” em código binário (zero e um), sistema fundamental para toda informação digital. Uma língua estranha e assombrosa que, curiosamente, fala de todos nós independentemente de nossa compreensão. Essa arquitetura da tecnologia aparece também iluminada nos trabalhos de **Kim Badawi**, que faz uso da inteligência artificial para escancarar os deslindes do mundo contemporâneo. Já nas pinturas de **Júlia Gonçalves**, somos fisgados por objetos desejo que, sedutores, convidam os olhos a tomar posse de sonhos neon. Finalmente, na feitura minuciosa de **Talita Lelis**, o gesto manual concentra a atenção no efêmero e único em cada elemento, movimento que a lógica serial devora, erguendo assim seu contraponto.

Nesses exercícios linguísticos e simbólicos, entre o cotidiano (o tempo ordinário) e o apocalipse (a grande explosão final), um lembrete cansado e amoroso de que, embora tudo pareça se esgotar, ainda há todo o ensejo por terminar o mundo que desejamos. A tarefa, sempre inacabada, da elaboração de uma comunidade que não esteja paralisada pela distopia anestésica do “fim do mundo”, que nada mais é que a ruína do futuro liberal. Já é sábado e, com certa dose de humor ácido, gostaríamos de lembrar que quando uma narrativa finda outra logo começa. Não se desespere, tudo já foi dito, mas há muito por fazer.

Ana Elisa Lidizia e Mandú

curadores



equipe Casa da Escada Colorida

gestão

Bruno Girardi

direção institucional

Roberta Ristow

curadoria

Ana Lidizia

assistência de curadoria

Mandú

direção de operações

Jacqueline Melo

conteúdo e comunicação

Giovana Lidiza

montagem

Kbedim montagem

fotografia

Sylvia Sanchez

